

MISSÃO PROTESTANTE E EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS: EMBATES SIMBÓLICOS PARA A CRIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO INSTITUTO EVANGÉLICO DE LAVRAS (1893-1936)*.

Protestant Mission and Education in Minas Gerais: symbolic struggles for the creation and consolidation of the Instituto Evangelico de Lavras (1893-1936).

José Normando Gonçalves Meira**

RESUMO

Este artigo discute projetos e ações dos missionários presbiterianos no oeste de Minas Gerais, onde foi fundado em 1893, o Instituto Evangélico de Lavras. Os seus objetivos são: ampliar a discussão sobre a educação protestante no Brasil, particularmente em Minas Gerais; compreender relações entre convicções religiosas e “ação social”; avaliar a relação entre o projeto educacional presbiteriano em Minas Gerais e o “americanismo” instalado no imaginário social brasileiro a partir de meados do século XIX (Cf. Warde, 2000); discutir a ideologia protestante trazida pelos missionários norte-americanos e a eficácia dos seus símbolos, para os seus objetivos de reformar a sociedade brasileira; analisar os princípios educacionais que nortearam a instituição; discutir as estratégias adotadas pelos seus fundadores. Foram utilizadas fontes do Arquivo Público Mineiro, do Museu Bi-Moreira da Universidade Federal de Lavras e do Pró-memória Gammon, do Instituto Presbiteriano Gammon, em Lavras-MG.

Palavras-chave: Missão Protestante; Educação Escolar; Reforma

ABSTRACT

This article debates about projects and actions of the presbyterian missionaries of the west of Minas Gerais, where it was founded the Instituto Evangélico de Lavras on 1893. The objective is to amplify the discussion about the protestant education in Brazil, particularly in Minas Gerais; to comprehend relationships between religious convictions; to evaluate the relationship between the presbyterian educational project and the “americanism” fixed on the brazilian social imaginary since middle XIX century (see Warde, 2000); to discuss the protestant ideology brought by the north-american missionaries and the effectiveness of its symbols to their objective of reforming the brazilian society; to analyze the educational elements that guided the studied institution; to discuss the strategies adopted by its founders, in search of effectiveness to their pedagogical practices. It were used sources from the Arquivo Público Mineiro, the Museu Bi-Moreira da Universidade Federal de Lavras and the Pro- Memória Gammon, from the Instituto Presbiteriano Gammon, in Lavras MG.

Keywords: Protestant Mission; Scholar Education; Reform

* Este texto foi adaptado do primeiro capítulo da minha tese de doutoramento em educação pelo programa de pós-graduação Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Bruno Bontempi Jr.

** Doutor em História da Educação pelo programa Educação: História, Política, Sociedade, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente do Departamento de Métodos e Técnicas Educacionais da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). E-mail: norcas@oi.com.br

Os projetos educacionais encontram-se entre os elementos importantes para a implantação e consolidação do protestantismo no Brasil. Os missionários presbiterianos, em particular, desde que aqui chegaram na segunda metade do século XIX, até às primeiras décadas do século XX, enfatizavam a necessidade da criação de escolas paroquiais ao lado das igrejas. O objetivo era a alfabetização, garantindo acesso à leitura e interpretação do texto sagrado, imprescindível à fé protestante, especialmente para esta vertente calvinista. Além dessas escolas elementares para alfabetização, foi considerada necessária a criação de instituições para formação de uma elite intelectual, como meio de promover a “reforma da sociedade brasileira”, criando uma nova mentalidade, capaz de aproveitar o potencial do país para o desenvolvimento. Essa ação transformadora (ou reformadora) seria um testemunho de fé, constituindo, portanto, numa forma indireta de evangelização. O Instituto Evangélico de Lavras, objeto da nossa discussão neste artigo, foi fundado em 1893 com esses amplos objetivos. Tanto pretendia contribuir com a alfabetização e com a qualificação de indivíduos para o exercício das suas profissões, como também promover a formação da referida elite. Este estudo estende-se até 1936, quando a escola Agrícola de Lavras consolida-se como instituição de ensino superior, passando a se chamar Escola Superior de Agricultura de Lavras. Consideramos os discursos da elite intelectual brasileira no período, referentes ao papel da educação para o desenvolvimento do país e sua influência na acolhida dos ideais apresentados pelos protestantes. A origem norte-americana desses empreendimentos também é relevante na análise dos embates simbólicos, devido ao “americanismo” instalado no imaginário social brasileiro a partir de meados do século XIX (Cf. WARDE, 2000). Pressupomos, na execução do trabalho, a importância da pesquisa em história das instituições escolares, onde, como afirma Buffa (2002, p.28): “ao mesmo tempo fragmentos de várias filosofias, encontram-se na motivação para a criação da escola, na organização do próprio espaço físico, na convivência, nem sempre harmoniosa, de mestres e alunos, nas variadas formulações curriculares”. Assim, procuramos compreender a relação entre as crenças dos missionários fundadores da instituição em estudo, as práticas cotidianas de ensino e aprendizagem, as disciplinas e métodos, bem como os valores que se procurava produzir e os que foram produzidos, de fato.

Origens do Instituto Evangélico

O Instituto Evangélico, transferido para Lavras em 1893, foi fundado em 1869 em Campinas, São Paulo, por iniciativa dos missionários George Morton¹ e Edward Lane². Foi a primeira escola de confissão protestante a se instalar no Brasil³. Quando

¹ Tenente do Exército Confederado que depois da guerra formou-se no *Union Theological Seminary*, de Richmond, Virgínia, e foi enviado ao Brasil pela Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos.

² Edward Lane, imigrante irlandês, órfão, criado nas ruas de Nova Iorque, foi recolhido por uma família presbiteriana, proprietária de uma das muitas olarias que auxiliavam o levantamento de prédios na futura metrópole. Lane chegou ao Brasil no ano de 1869, vindo dos EUA como missionário presbiteriano. Juntamente com outro missionário, George Morton, organizaram, em 10 de julho de 1870, a Igreja Presbiteriana de Campinas, que deu origem à 1ª Igreja Presbiteriana Independente, em 1903.

³ O Colégio Internacional foi a primeira escola de ensino secundário, pois as escolas paroquiais, de primeiras

foi fundado, o seu nome era Instituto de Campinas, e logo depois passou a se chamar Colégio Internacional. Morton solicitara à sua igreja de origem a instalação de um posto da Missão em Campinas, tendo como argumento o grande número de norte-americanos confederados que naquele período se instalaram na região motivados, provavelmente, pelo fato de as terras ali ainda terem baixo custo de aquisição, e pela chegada da estrada de ferro de construção norte-americana que contribuiria para o seu rápido progresso (cf. HACK, 2000, p.81). Barbanti (1977, p. 58) comenta essa opção por Campinas por parte da Igreja Presbiteriana do sul dos Estados Unidos:

Sendo inadequada a abertura de uma frente missionária na capital da Província, já ocupada pelos pastores nortistas, a cidade de Campinas apareceu como local ideal para o início dos trabalhos da Igreja Presbiteriana do Sul. Além de estar situada nas proximidades da colônia sulista de Santa Bárbara, Campinas era já, nessa época, um grande centro, rival de São Paulo. Zalar e Tschudi, que a visitaram no início da década de 60, concordam em descrevê-la como uma cidade progressista, sustentada pelo comércio do café que aí encontrara terrenos propícios para o seu desenvolvimento e a que estaria assegurado um futuro promissor com a próxima instalação da estrada de ferro, ligando-a ao porto de Santos. A presença de protestantes nesse núcleo, devida não apenas aos ingleses que trabalhavam na implantação dos trilhos da ferrovia, como à sua condição de centro de zona de intensa colonização alemã, era tão significativa que, para atendê-los, Campinas tinha o seu cemitério protestante. Interessa-nos, porém, a situação de Campinas como centro político e social de antigos liberais e republicanos.

Morton dirigiu a escola até 1879, quando foi afastado por questões administrativas. Em seu lugar, assumiram John Dabney e Edward Lane. Em 1892, devido ao alarmante surto de febre amarela havido naquela região⁴, que causou a morte de diversos missionários presbiterianos, incluindo Dr. Lane, a escola, com a autorização de Gammon, que havia seguido para os Estados Unidos, encerrou as atividades em Campinas no mês de novembro daquele ano. Foi então transferida para Lavras, iniciando lá suas atividades em 1893, já como Instituto Evangélico. A escolha de Lavras deu-se após visitas dos missionários a diversas cidades, devido ao entendimento de que a localidade dispunha de condições climáticas favoráveis.

Lavras do Funil havia sido fundada por bandeirantes paulistas na primeira metade do século XVII, chamando-se posteriormente Terras de Sant'Ana de Lavras do Funil. Os primeiros habitantes estavam empenhados na exploração do ouro. Como o metal logo se tornou escasso na região, a agricultura e pecuária passaram a ser as atividades básicas. Com a construção da capela de Santa Ana em 1751, o povoado cresceu, passando à condição de Vila em 1831. Em 1868, houve a emancipação política, recebendo a cidade o nome de Lavras. Além do clima, referido nos prospectos do Instituto Evangélico dos primeiros

letras, cuja finalidade era a alfabetização para ampliar as possibilidades de leitura e interpretação do texto bíblico, já existiam ao lado das igrejas desde a sua fundação.

⁴ Santos Filho e Novaes (1996), tendo como enfoque a história da epidemia de febre amarela em Campinas em 1889 e o significado desse mal para a cidade, apresentam em detalhes os vários surtos de febre amarela que assolaram Campinas, paralisaram o desenvolvimento e deixaram a cidade em estado de estagnação.

anos do século XX, como “uma das mais aprazíveis cidades da salubérrima zona do Sul de Minas”, e do seu potencial econômico, outro elemento que contribuiu para a formação da cidade é a sua localização, considerada estratégica. Inicialmente favorecendo o acesso dos bandeirantes que se deslocavam para o interior das Minas Gerais em busca de ouro e, posteriormente, pela proximidade com estradas que a ligam a regiões consideradas importantes. Clara Gammon (2003, p. 74) relata as características da cidade, quando lá chegou a Missão Presbiteriana em 1892:

As ruas eram poeirentas ou lamacentas, conforme a estação, e ainda rasgadas pelas rodas dos pesados carros de boi. As casas, em geral, eram de construção simples, mas sempre pintadas de cores variegadas. Na praça central, grande e deserta, onde se erguia a Igreja matriz, havia um certo número de sobrados, onde vivia a elite. Essas casas, de estilo colonial, eram bem mobiliadas e adornadas com pinturas e revestimento caprichoso, refletindo o luxo e a riqueza de dias prósperos. Nos arredores da cidade, porém, se amontoavam os casebres cobertos de capim, atestando a maior pobreza [...] Essa foi a cidade que o Dr. Gammon escolheu para a sua morada e centro de seu grande empreendimento.

Samuel R. Gammon, além da direção da escola, cuidava da Igreja Presbiteriana nascente em Lavras e da expansão missionária por toda região oeste de Minas. Matos (2004, p. 240) afirma:

Tão logo chegou a Lavras, no dia 8 de julho de 1893, Gammon dedicou-se ao trabalho evangelístico, tanto na cidade (seu primeiro sermão foi sobre 1 Coríntios 2.2), como nas localidades de Cana Verde e São João Nepomuceno [...] Gammon fazia suas viagens montado em “Souza”, o fiel cavalo que o transportou por cerca de 20 anos [...] Além de Cana Verde e Nepomuceno, visitava outros locais tais como Congonhal, Carrancas, Três Pontas, Perdões, Campo Belo, Candeias, Formiga, Arcos Porto real, Pains, Pimenta, Pinhuí e Bambuí, chegando até Serra da Canastra e Mata da Corda [...] Na época das chuvas, também dedicava a escrever. Produziu um Catecismo para Conversos, que chegou a oito edições, bem como comentários sobre várias epístolas do Novo testamento (Pedro, Judas e Tiago) e artigos e sermões para o *Púlpito Evangélico*.

Para que fosse possível a realização de tantas atividades, contava com a colaboração dos outros missionários, destacando-se Carlota Kemper, que cuidava da escola de meninas (que, posteriormente, levou o nome dessa missionária), Willie Gammon, sua primeira esposa⁵, conhecida pelos brasileiros como D. Guilhermina, que fundou o “Covenanters”, agremiação em que os candidatos ao ministério se preparavam para prosseguir no seu preparo, Sallie Chambers, Eliza Moore Reed, o casal Armstrong. Posteriormente, chegaram dos Estados Unidos o Dr. Benjamin Hunnicutt e sua segunda esposa, Clara Gammon, para implantar a escola agrícola. Além desses, alguns brasileiros aparecem nos registros dos colaboradores do missionário: José Ozias Gonçalves, que mais tarde seria pastor, Francisco Augusto Deslandes, único protestante professo encontrado em Lavras,

⁵ Willie Gammon faleceu no dia 17 de junho de 1908. Samuel Gammon casou-se novamente no dia 28 de fevereiro de 1911 com Clara Gennet Moore Gammon.

Guilherme, ex-escravo convertido ao protestantismo e que acompanhava o reverendo em suas viagens. O Coronel José Custódio da Veiga, que depois seria presbítero da igreja, também é destacado como colaborador em viagens, e, com o seu prestígio político, contribuiu para a criação e oficialização do Ginásio de Lavras.

A escola foi instalada numa chácara alugada por Samuel Gammon, no extremo da cidade⁶, e o início das aulas deu-se no dia primeiro de fevereiro de 1893. O pequeno número de alunos do início desse novo empreendimento gerou o seguinte comentário por parte do fundador, conforme registrou em seu diário:

Hoje comecei o trabalho ao qual dediquei minha vida. Nossa escola abriu-se hoje e, segundo penso, vejo nela muitos anos de vida. Nosso começo foi pequeno: somente sete rapazes esta manhã, mas, muitas empresas de grande vulto são o resultado de pequenos começos. Que Deus nos abençoe e nos faça grandes; “para ELE olho e NELE confio”⁷



Figura 1: Samuel R. Gammon, o fundador do Instituto Evangélico de Lavras

Fonte: Acervo do Museu Bi-Moreira

No registro da memória do fundador, Clara Gammon relata o crescimento da escola, que, uma semana depois do início das aulas, já contava com 14 alunos. Como o crescimento continuou, foi logo necessário transferi-la para salas maiores. Gammon enfoca a escola de meninas, destacando a sua proeminência nesse primeiro momento da instituição. Ao comentar a destinação social das primeiras turmas ali formadas, reforça as impressões sobre os ideais daquele projeto educacional:

O Instituto estava crescendo. A Igreja e a cidade também progrediam. Depois da primeira turma, houve mais dezesseis diplomados no Ginásio, quatro na Escola Agrícola e duas no Colégio Kemper. Eram moços de que a escola podia orgulhar-se e que, no correr dos tempos, têm honrado a “alma mater”. Três se formaram em

⁶ Essa mesma chácara seria adquirida pela Missão Presbiteriana em 1903, possibilitando a instalação definitiva do Colégio.

⁷ O fundamento das esperanças do reverendo Samuel Gammon, conforme o registro supracitado, bem como o lema do colégio: “Dedicado à Glória de Deus e ao Progresso Humano”, aponta para um dos aspectos que pretendo analisar no trabalho: a influência da convicção religiosa na ação social.

Medicina, cinco ou mais foram professores, três vieram a ser presbíteros e oficiais nas igrejas evangélicas e outro secretário de Estado. Diversos alcançaram posição de destaque no serviço público (GAMON, 2003, p. 129).

A idéia era formar agentes de mudança, capazes de contribuir para o progresso da nação brasileira, fazendo “brilhar a luz do Evangelho” nesta terra: a reforma da sociedade. Em uma conferência realizada no Rio de Janeiro, em 1912, que Samuel Gammon foi incumbido de falar sobre o tema: “A Contribuição das Escolas Evangélicas para o Progresso do Brasil”, esses ideais são apresentados.

Tendo apresentado a instituição em traços gerais, passo a analisar a seguir sua presença e o seu impacto na sociedade, abordando inicialmente a fase de Campinas, uma vez que o Instituto de Campinas, o Colégio Internacional, mesmo com as diferenças impostas pelo contexto, teve a sua continuação no Instituto Evangélico de Lavras.

A Fase de Campinas

Uma pergunta que surge ao se considerar a fundação dessa primeira instituição de confissão protestante no Brasil no século XIX é: como isso foi possível, considerando as restrições impostas aos protestantes e a outros segmentos religiosos acatólicos pela legislação do Império? Além da legislação, a própria formação da sociedade em que essas escolas seriam criadas, fundadas no catolicismo, não representariam resistências fatais aos projetos protestantes?

Na Constituinte de 1823, o artigo referente à religião oficial e outros credos que coexistiam no Império fora motivo de muitos debates. Dentre as posições favoráveis à liberdade religiosa, Costa (1999) cita as dos deputados Nicolau de Campos Vergueiro, de São Paulo, Francisco Gê Acayaba de Montezuma, futuro Visconde de Jequitinhonha, Francisco Carneiro de Campos, da Bahia, Felisberto Caldeira Brant Pontes, e seus respectivos discursos em defesa da liberdade religiosa. Ribeiro (1973, p. 30), afirma:

Entre os constituintes evidencia-se a presença de idéias relativas à liberdade de culto como direito inerente ao ser humano; ao estado cabe proteger esse direito. Essas idéias partilhadas por membros do clero e por leigos, indicam a influência e a penetração do iluminismo, na formação dos próceres políticos e religiosos brasileiros. Embora ‘essencialmente cristão e católico’, contudo o iluminismo português foi também regalista, antijesuítico, e resultou, no Brasil, em tolerância com outros cultos.

A Constituição de 1824 trazia o catolicismo como religião oficial, estabelecendo limites à ação dos protestantes. Esses limites, com alguns avanços em termos de abertura, foram reproduzidos do “Tratado de Amizade e de Aliança”, de 1810, segundo o qual os protestantes só poderiam realizar os cultos na língua do seu país de origem, seus templos não poderiam ter sinos e nem aparência de templos religiosos, mas de residências comuns, com entrada pelos fundos. A prática do proselitismo era também proibida aos protestantes, sob pena de ser o transgressor deportado imediatamente ao seu país de origem. De acordo com a Constituição de 1824,

A religião Católica apostólica Romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo (Apud COSTA, 1999, p. 103).

Para Barbanti (1977), condições adversas para a implantação e desenvolvimento dessas instituições na Província de São Paulo foram, além do regime monárquico, com o catolicismo como religião oficial, a própria mentalidade pedagógica conservadora vigente, herança dos tempos coloniais. Entretanto, segundo Barbanti,

Quando se investigam mais profundamente os diversos aspectos dessa configuração de época, contudo, constata-se a existência de fissuras em sua aparente solidez conservadora e germes de renovação, que facilitarão a atuação pedagógica protestante em São Paulo. Além de haver entrado num período de grande desenvolvimento econômico propiciado pela cultura do café, -- e, momentaneamente, do algodão --, a província de São Paulo tinha-se tornado o novo centro cultural do país, palco de agitadas manifestações de ideais liberais e democráticos que, no campo da educação, reivindicavam o modelo americano da escola para todos, científica e prática (1977, p. 2).

Leonard (1981) destaca, por sua vez, o relativo “liberalismo brasileiro” que se revela na tolerância religiosa, até mesmo por parte do clero. Na prática, apesar dessas restrições legais, os protestantes desfrutaram de certa liberdade para divulgar suas idéias. A resistência da Igreja católica romana dava-se mais diretamente no discurso, na advertência dos padres com relação ao perigo das heresias protestantes. O embate se deu, em muitas regiões, por meio da polêmica religiosa por meio de jornais, panfletos de publicações internas das dioceses católicas e das igrejas protestantes. Nessa resistência direta há registro de conflitos isolados que geraram violência física, normalmente pela massa inflamada pelos discursos dos religiosos⁸.

Barbanti (1977, p. 147) destaca também a importância da maçonaria no processo de implantação dos projetos educacionais do protestantismo norte-americano no Brasil, especificamente na Província de São Paulo. Discute a tradição maçônica dos norte-americanos sulistas e as iniciativas para a implantação de lojas na região onde haviam se instalado. Leonard também destaca a aliança do protestantismo com a maçonaria como elemento fundamental para a concretização dos seus ideais.

Além da penetração das idéias iluministas, do liberalismo em particular, um outro aspecto considerado decisivo para a referida tolerância era a questão da utilidade dos estrangeiros. Havia a necessidade de povoação do Brasil, e do suprimento de mão de obra habilitada. Esse aspecto é discutido por Costa (1999, p. 106), tendo como fundamento os discursos do deputado constituinte Felisberto Caldeira Brant Pontes. Se essa questão da liberdade religiosa, sustentada por tendências liberais, foi amplamente debatida em 1823 e 1824, a partir da segunda metade do século XIX, quando o protestantismo de

⁸ No que se refere às “reações católicas” e conflitos entre católicos e protestantes, ver Léonard (1981) e Ribeiro (1990).

missão⁹ instalou-se definitivamente no Brasil, e do final do Império, quando algumas instituições escolares foram criadas, a começar do Colégio Internacional, em Campinas, a referida tolerância advogada por diversos intelectuais e políticos já havia se solidificado, ampliando assim a ação dos protestantes. Em Campinas-SP, quando o Colégio Internacional foi criado, a elite intelectual de idéias liberais posicionou-se favoravelmente ao empreendimento, oferecendo o seu apoio.

Uma outra explicação para a possibilidade de criar um colégio protestante no período em que a Igreja Católica Romana era oficial é a situação dos ensinos elementar e secundário no período. Devido à descentralização desses estudos, determinada pelo Ato Adicional de 1834, ficou favorecida a criação de escolas particulares, dentre elas as confessionais, inclusive protestantes, considerando a tendência para a tolerância religiosa por parte do poder público e da elite intelectual. De acordo com Haidar (1972, p. 16):

A precariedade das escolas públicas e a pujança da contribuição privada, em termos quantitativos enormemente superior à do ensino público na área dos estudos secundários, acabaram por gerar a crença de que a completa liberação da iniciativa particular deveria, não apenas propiciar sua maior expansão, como favorecer-lhe o aprimoramento, criando condições mais favoráveis a inovações e experimentações. A total liberdade de abrir escolas, vigente de direito ou de fato, na Corte e nas províncias, a partir dos anos finais da década de 60, se promoveu o crescimento numérico dos estabelecimentos particulares de ensino [...]

Além dessas condições que favoreciam a tolerância, o Colégio Internacional beneficiou-se da legislação da Província de São Paulo. A lei número 54, de 15 de abril de 1868, e o respectivo regulamento, de 18 de abril de 1869, desobrigaram as instituições particulares da supervisão oficial (BARBANTI, 1977, p. 35). Anteriormente, além dos atestados comuns a todos os requerimentos de licença para a fundação de escolas particulares, para os estrangeiros de confissão protestante deveria constar o compromisso de ensinar somente aos filhos dos seus patrícios.

É possível afirmar, portanto, que as escolas protestantes de ensino secundário que foram fundadas no Brasil Imperial aproveitaram-se da flexibilidade da legislação referente à criação de escolas desse nível de ensino. O desmantelamento do ensino público e o discurso liberal quanto ao caráter imprescindível da educação para a construção do país favoreceram a criação e expansão das referidas instituições.

Mesmo sendo de curta duração, a permanência da escola em Campinas parece ter influenciado, enquanto ali esteve, uma parte da elite local, instalando-se em seu imaginário social como uma agência do progresso nos moldes norte-americanos. Não se pode afirmar, em princípio, que o Colégio Internacional tenha cumprido em Campinas os seus objetivos de formar elites dirigentes, embora haja evidências de que alunos egressos dessa instituição tenham ocupado cargos públicos e outras funções de destaque na sociedade. Não é objetivo aprofundar essa questão, mas ater-se apenas na acolhida dos referidos ideais por parte da elite já constituída.

⁹ O protestantismo de missão que se instalou no Brasil a partir de meados do século XIX é contrastado com o protestantismo de imigração, que não tinha o objetivo específico de fundar igrejas e fazer prosélitos entre os brasileiros.

A *Gazeta de Campinas*, de 14 de dezembro de 1871, noticia uma das reuniões na casa de Morton, em que importantes cidadãos reuniram-se a fim de propor medidas para a organização dessa escola, que deveria formar “mestres e legisladores”. Entre os presentes estavam o próprio redator do jornal, Francisco Quirino dos Santos, Dr. Manuel Ferraz de Campos Salles, futuro Presidente do Brasil, e Francisco Rangel Pestana, jornalista e político. Este último, importante personagem envolvido com as questões educacionais, liderou reformas importantes no ensino paulista, e logo veio a integrar o corpo docente do Colégio Internacional (HACK, 1985)¹⁰. Todos esses homens da elite intelectual local estabeleceram relações muito próximas com Morton, o fundador da instituição, que a dirigiu por 10 anos. De acordo com Barbanti,

George Nash Morton, a quem foram confiados os trabalhos de fundação do “Colégio Internacional”, era uma figura bastante interessante, não apenas pelo seu pensamento pedagógico, mas também pela sua personalidade. Oriundo de antiga e aristocrática família da Virgínia, idealista, ousado nos seus empreendimentos, Nash Morton aliava aos traços românticos e aventureiros de seu caráter, um espírito culto e refinado, próprio das tradições cavaleirescas. De formação liberal, republicano, possivelmente maçom, Morton estabeleceu, logo após sua chegada a Campinas, um largo currículo de relações. Este abrangia, além de seus compatriotas imigrados e pastores das outras igrejas reformadas – Morton foi padrinho, por exemplo, do segundo casamento do pastor Newman, metodista de Santa Bárbara – políticos como os do grupo de Campinas e os irmãos Morais Barros, de Piracicaba, e os redatores de “A Província de São Paulo”, órgão que lhe divulgou as idéias, enfim, gente como ele, liberal, republicana, maçom e anticlerical. Foram eles que proporcionaram a Morton grande parte da clientela do seu estabelecimento, demonstrando sua adesão aos princípios religiosos, políticos e pedagógicos do colégio (1977, p. 58).

No discurso de republicanos e positivistas, que reivindicavam maior liberdade no pensar, o Colégio encontrou terreno fértil. Sem entrar no mérito das questões religiosas, esses intelectuais entendiam ser de grande importância a instalação dessas escolas para o progresso do país. Almejavam a construção de um “espírito democrático”. Barbanti (1977, p.148) ressalta que, paradoxalmente, havia embate de idéias entre protestantes e positivistas quando a doutrina religiosa e as idéias positivistas eram confrontados, citando a polêmica travada nas páginas de *A Província de São Paulo*, em 1880, por George Nash Morton, e Luis Pereira Barreto. Apesar das divergências em diversos pontos, os positivistas, pelos motivos mencionados, não se recusaram a apoiar os projetos educacionais protestantes, especificamente, no Colégio Internacional de Campinas. Esses apoios contribuíram para a inserção da instituição no imaginário social, recebida como símbolo de desenvolvimento e progresso. Clara Gammon, esposa do reverendo Samuel, ressalta:

[...] o colégio não só floresceu como adquiriu larga fama, com uma matrícula de cento e cinquenta alunos, o máximo que ele comportava. Entre o seu corpo discente havia alguns rapazes que mais tarde desempenhariam as mais altas funções na política e nas letras do Brasil (2003, p. 36).

¹⁰ A relação entre as idéias de Rangel Pestana, as reformas por ele empreendidas e os projetos educacionais presbiterianos são discutidos por Hack, 1985, e Reis Filho, 1995.

Em artigo publicado em 1916 na revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, o ex-aluno Erasmo Braga, educador, destaca o alcance do Colégio Internacional e cita um outro ex-aluno ilustre, o Senador José Pereira de Queiroz, que, ao visitar a escola, ressaltara as suas impressões:

Que emoção me causa essa visita. Quanta saudade ela evoca, de mais de 40 anos! Aqui comecei a cultura do meu espírito. Daqui levei os alicerces do meu caráter. Para tudo tanto concorreu G. N. Morton- protótipo do educador (Apud. HACK, 2000, p. 84).

Essas afirmações, mesmo sendo ato de cortesia de um visitante, político, e do entusiasmo do autor do texto citado, indicam que parte dos objetivos iniciais da escola – formar uma elite influente e dirigente -- desenvolveram-se bem no curto período em que esta funcionou em Campinas.

Por se tratar de uma instituição educacional ligada à Igreja, com objetivos de alcançar a alma dos brasileiros, “salvando-as das trevas impostos pela idolatria papista”, vários missionários vieram colaborar com o projeto, somando a outras atividades voltadas para o empreendimento de consolidação do protestantismo no Brasil. Em 1889, chegou a Campinas o Reverendo Samuel Rhea Gammon, que viria ser o diretor do colégio em 1891, auxiliado por D. Carlota Kemper e D. Katharina Bias. Barbanti (1977) ressaltava os objetivos dessas escolas de fazer prosélitos para a fé reformada, motivação para os investimentos de recursos e pessoal qualificado que garantiram o seu êxito.

A Transferência para Lavras- MG

Se, em Campinas, a escola havia atingido positivamente o imaginário social de uma parte da “boa sociedade” como símbolo de modernidade e eficiência pedagógica, chegando a ter cento e cinquenta alunos, em Lavras, os seus fundadores ainda teriam muito trabalho para conquistar a clientela, especialmente porque as condições sociais de Lavras provavelmente não inspiravam tanto otimismo quanto ao progresso e pretendida reforma social como na economicamente pujante cidade de Campinas do século XIX. Seria de se esperar certa desconfiança da sociedade local, ao menos, menor entusiasmo pelo empreendimento educativo dos presbiterianos da Missão.

O ambiente cultural de Lavras, ainda que tenha proporcionado certa tolerância para com os missionários e suas atividades, oferecia maior resistência do que a encontrada em Campinas-SP. Em termos oficiais não houve imposição de obstáculos e, ao que parece, a resistência enfrentada pelos missionários presbiterianos seguia as mesmas características de outras regiões do país naquele período. Em setembro de 1895 uma missão de frades católicos visitou a cidade, lá permanecendo por um mês, para fortalecer as convicções dos seus fiéis e prepará-los para resistir às investidas dos hereges protestantes. Essa ação missionária levou a multidão enfurecida a ameaçar a invasão e destruição das escolas do Instituto, e impedir o povo de freqüentar os cultos. Segundo depoimento dos próprios missionários, a polícia agiu com firmeza para proteger as instituições protestantes e parte da população também se posicionou em sua defesa. Conforme registro no livro de

memórias de Clara Gammon, o capitão Evaristo Alves teria tranquilizado os missionários, dizendo: “É somente a ralé que está ameaçando os senhores, o melhor povo está do seu lado, mas é a ralé que atira pedras” (2003, p. 73).

Em um dos seus relatos, Samuel Gammon, afirma que a partir dessa ocasião, a resistência católica assumiu uma outra forma, considerada por ele mais prejudicial. Os padres vigiavam a população, cercando-a nas ruas, procurando dissuadir freqüentadores dos cultos e alunos das escolas a se afastarem dos protestantes. O preconceito quanto à confissão religiosa revelava-se também de forma sutil e, nos relatos dos perseguidos, às vezes, cômica. Nessa batalha simbólica cada grupo utiliza-se das armas que possui: os católicos gerando o medo, o preconceito, produzindo uma imagem de protestantes como exóticos, estranhos. Os protestantes, por sua vez, em seus relatos, ridicularizam as estratégias adversárias, reforçando a idéia de obscurantismo e atraso, bem como de desespero para deter os seus fiéis. Clara Gammon, relata:

Havia muita curiosidade em Lavras a respeito dessa penetração protestante. O povo simples, instruído pelo vigário, fazia os mais extravagantes juízos acerca dos missionários, inclusive das suas condições físicas: se teriam mesmo “pé de cabra” ou “pé de pato”, como se dizia. A parte culta da população, porém, os recebeu com demonstrações de respeito e apreciação, estabelecendo desde logo com eles amizade duradoura, embora não se interessassem pelo lado espiritual da missão (2003, p. 58).

A experiência de Lavras, portanto, revela que esses conflitos não se relacionaram, necessariamente, com a condição do catolicismo como religião oficial do Império. Ao contrário, tais conflitos até se intensificaram nas primeiras décadas da República, uma vez que, por um lado os protestantes, amparados pela liberdade religiosa, intensificaram o ataque “aos desvios de Roma” em suas prédicas e, por outro lado, a Igreja Católica empenhava-se por recuperar o poder perdido com a separação da Igreja do Estado.¹¹

A Inserção do Instituto na Sociedade Oeste-Mineira

O Instituto, pelo que foi discutido acima, apresentava-se à sociedade lavrense e da região como uma escola inovadora, nos moldes dos países desenvolvidos e, particularmente, dos Estados Unidos da América, país de origem dos fundadores e mantenedores da instituição. Essa imagem de competência, civilização e progresso pode ser considerada fator determinante para que o Instituto logo alcançasse o respeito das elites locais, tendo a sua fama se estendido por outras regiões. No anuário de Minas Gerais, de 1909, Lavras é apontada como “verdadeiro centro de instrução”, sendo citado o Instituto Evangélico e suas práticas inovadoras como um dos principais responsáveis por essa condição da cidade. É bom lembrar que nesse momento os Estados Unidos da América já se haviam tornado referência para os projetos de modernidade no Brasil, o que vinha ocorrendo desde a segunda metade do século XIX, com o processo de substituição

¹¹ Sobre as estratégias católicas para manter-se como a religião dos brasileiros, apesar da sua nova condição sob a República, ver Marques (1995)

da cultura européia, particularmente francesa, para a norte-americana como “espelho” para o Brasil (cf. WARDE, 2000).

Esse imaginário favoreceu, inclusive, certa tolerância para com os protestantes em uma sociedade predominantemente católica romana. Mesmo ainda no período imperial, quando a Constituição de 1824 reproduzia e confirmava as restrições impostas aos protestantes pelo Tratado de 1810, os protestantes chegaram ao Brasil em 1855 (os congregacionais) e em 1859 (os presbiterianos), e o Instituto Evangélico foi fundado em Campinas, em 1869, sendo transferido para Lavras em 1892.

Em 1900, foi fundada em Lavras uma escola católica para moças. Inicia-se aí uma nova estratégia para neutralizar a influência protestante que se dava por meio da ação educativa. *O Republicano*, do dia 6 de novembro de 1899, mencionara “os esforços do Reverendíssimo sr. Vigário Malaquias para criar o Instituto de educação e ensino de meninas”. Segundo Clara Gammon, desenvolveu-se nessa época forte campanha, de casa em casa, para que a escola protestante fosse trocada pela recém-fundada escola católica. Apesar do sucesso do empreendimento católico, este não chegou a afetar a estabilidade da escola presbiteriana, uma vez que há registros, nos anos seguintes, da necessidade de recusa de matrículas por falta de espaço.

Entre a elite local há evidências de aceitação por parte dos missionários, sendo ressaltados na imprensa, por exemplo, os projetos educacionais por eles executados. Esses projetos, entretanto, eram sempre associados ao grupo religioso por eles representado, cumprindo assim o objetivo de “evangelização indireta” proposto por essa vertente da missão presbiteriana. O jornal *O Republicano*, do dia 7 de setembro de 1898, menciona o retorno de Samuel Gammon à cidade nos seguintes termos: “De volta da excursão que faz freqüentemente na pregação do Evangelho conforme o rito presbiteriano, está na cidade o Rev. Sr. Samuel Gammon. Distintíssimo cavalheiro, diretor do Instituto evangélico, nossas boas vindas.”

O próprio nome do jornal, *O Republicano*, serve de pista para a interpretação do tratamento dado ao missionário e a menção à sua atividade religiosa, evidenciando naturalidade ao considerar a diferença de “ritos”. Em outros órgãos da imprensa local ao longo do período percebe-se o reconhecimento pelo trabalho dos educadores protestantes. *O Incentivo*, do dia 28 de fevereiro de 1904, publica relatório de visita do jornal ao Instituto Evangélico:

Visitando este importante estabelecimento de instrução que, sob a hábil direção do Rev. Dr. Samuel R. Gammon, funciona num dos mais belos pontos desta cidade -- a Chácara -- verificamos ser nesta zona um dos melhores do gênero, pois, quer no seu ponto de vista higiênico, quer no local e instructivo, satisfaz a todas as exigências. O edifício onde funciona o estabelecimento de meninos, na chácara, radicalmente restaurado, é ellegante e dispõe de excellentes accomodações para alumnos internos. As aulas funcionam em espaçosos salões e são presididas por professores habilitados. Mostrou-nos também o Dr. Gammon, o novo edifício em construção, destinado as officinas do collégio e as ferramentas para as mesmas.

A análise feita pelo visitante evidencia como a escola era recebida por parte da população e como essa imagem em construção era reforçada pelos formadores de opinião da época. Boanerges Ribeiro comenta: “O Gammon havia formado uma subcultura protestante, auto-suficiente, que vivia e prosperava no seio da sociedade lavrense; ali os protestantes estavam como no Rio Paranaíba até 1927: éramos a minoria dominante”.

A presença de Samuel Gammon é mencionada também como responsável pelo “Club Literário Musical” da cidade. *O Republicano*, do dia 12 de março de 1899, noticia:

A segunda partida deste club teve lugar, como noticiamos a 23 do mez passado, em casa do Dr. Caetano Scarza. Os trechos de música ouvidos foram de artística e ntelligente escolha, e tiveram excellente execução por parte das gentis senhoritas que delles se encarregaram. Parabéns ao reverendíssimo sr. Samuel Gammon que tem sabido dirigir a útil sociedade.

A propaganda realizada pelo Instituto parece ter sido eficaz na construção da imagem desejada do colégio que, embora não sem resistências e oposição, conseguiu se estabelecer em Lavras, conquistando parte da elite local. Essa aceitação por parte da sociedade evidencia-se também pela forma como a cidade recebeu a notícia da equiparação do “Gymnásio de Lavras ao Gymnásio Nacional”, no dia 9 de junho de 1906. Além da festa ocorrida na cidade, envolvendo grande parte da população, relatada por Clara Gammon; a memorialista menciona o empenho do Dr. Álvaro Botelho e do Dr. Lamounier, deputados amigos da escola, para a sua equiparação e a participação deles nas comemorações da conquista.

O Instituto Evangélico de Lavras, como parte dos seus projetos educacionais criou a Escola Agrícola em 1908. Iniciou as suas atividades em Lavras, em 1893 com sete alunos, chegando no mesmo ano aos dezenove. Em 1908, contava com cento e noventa e cinco alunos¹² e, em 1935, com quinhentos estudantes matriculados. Quanto à inserção do Instituto na sociedade local, o que possibilitou a consolidação do projeto dos missionários, Firmino Costa, editor da revista “Vida Escolar”, destaca:

O Instituto, quando se abriu, não possuía casa própria; atualmente o Colégio Carlota Kemper ocupa seu excelente prédio da Praça Municipal e o Ginásio com a Escola Agrícola acham-se estabelecidos em uma chácara bem colocada, possuidora de grande terreno e contendo vários edifícios, entre os quais sobreleva a nova construção do Ginásio de Lavras, [...] o prédio mais vistoso desta cidade. Do Instituto Evangélico podemos dizer que, não só por si mesmo, como também indiretamente, pela sua ação animadora e pelas rivalidades que despertou, foi o principal fator do desenvolvimento deste lugar, hoje um centro invejável de meios de educação. Os novos métodos de ensino ali adotados, uma compreensão melhor da vida ali observada, uma direção consentânea com os modernos princípios de pedagogia, têm tornado o Instituto um estabelecimento recomendável a todos os chefes de família. É de justiça assinalar que o Instituto marcou uma nova fase para a instrução em Lavras. As tentativas anteriormente feitas para a criação de colégios nesta cidade evidenciam sem dúvida o amor e o interesse de nossos conterrâneos à causa da

¹² Fonte: *Revista Vida Escolar*: Boletim Quinzenal do Grupo Escolar de Lavras, 01 de Junho de 1908

instrução, porém elas nunca chegaram a resultados seguros e duradouros. Quanto de competência, de esforço e de perseverança tem custado a seu digno diretor essa carreira brilhante do Instituto, não será fácil avaliar! Hoje, volvidos quinze anos, a nossa sociedade culta já reconhece o enorme benefício, que nos trouxe de sua pátria esse norte-americano, cavalheiro distintíssimo e emérito educador, o sr. dr. Samuel Gammon, a quem deve Lavras essa importante casa de educação, que é o Instituto Evangélico, por ele dirigido desde o princípio. Ao nome do Dr. Gammon cumpre, porém, associar os de dois de seus principais colaboradores nesse trabalho heróico --- d^a. Carlota Kemper e d^a. Guilhermina Gammon, essa, pelo seu muito trabalhar em prol do ensino, viu fraquear-lhe a saúde e teve agora de partir, gravemente doente, para a sua terra natal. Que ela readquira o vigor perdido e volte com seu dedicado esposo, o Dr. Gammon, a cooperar para o engrandecimento da cidade de Lavras, eis os nossos votos, expressos nesta hora em que cumprimos o dever de prestar homenagem à tão esforçados servidores da instrução em nossa terra.¹³

O Instituto Evangélico conseguiu, portanto, inserir-se na sociedade lavrense, sendo recebido como propagador do desenvolvimento e do progresso, abrindo espaço para a inserção também da Igreja, objetivo principal dos missionários fundadores. Os missionários utilizaram-se de intensa propaganda para que os seus objetivos fossem alcançados. A recepção da propaganda era favorecida pela expectativa favorável em relação à cultura norte americana.

Ideais Reformados e a “Educação para o Viver Completo”

A idéia de “progresso” presente no discurso dos missionários norte-americanos manifesta-se nos cursos oferecidos pela escola, que, segundo a propaganda, visava a formação para “o viver completo”. Há consciência, entretanto, de que essa concepção dos objetivos da educação escolar não é exclusiva do protestantismo reformado, mas encontra apoio em diversas das suas doutrinas, favorecendo a sua adoção e o desenvolvimento de particularidades. O entendimento de que “a educação consiste em obter preparação completa do homem para a vida inteira” (GADOTTI, 1996, p. 111), alimenta no século XIX um amplo debate, em que a “educação intelectual, física e moral”, de Spencer, pode ser citada como exemplo. Como afirma Souza (2000, p. 3-4),

No decorrer do Século XIX, conteúdo e método de ensino fizeram parte de intenso debate sobre a questão da educação popular e os meios de efetivá-la [...] Em toda parte difundiu-se a crença no poder da escola como fator de progresso, modernização e mudança social. A idéia de uma escola nova para a formação do homem novo articulava-se com as exigências do desenvolvimento industrial e o processo de urbanização.

Essa filosofia educacional, que tem sua base em Pestalozzi e Froebel, favorece o método intuitivo, também conhecido como “lições das coisas” (SOUZA, 2000). O conhecimento é adquirido, nessa concepção, pela experiência e pela observação,

¹³ *Revista Vida escolar*: Boletim Quinzenal do Grupo Escolar de Lavras, do dia 01 de Junho de 1908

articulando-se com a produção da vida social. É proclamado que o corpo e o espírito humano são inseparáveis e, por isso mesmo, a educação deveria ocupar-se com o homem todo, promovendo o seu desenvolvimento completo. Essas idéias, que alimentavam o debate educacional em diversos países do mundo, a partir de 1870 passaram a ocupar lugar de destaque entre os intelectuais brasileiros. Souza (2000), ao objetivar a reconstituição do processo de renovação dos programas da escola primária no Brasil a partir de 1870, situando a modernização educacional do país em relação ao contexto internacional, aponta, a partir do parecer de Rui Barbosa acerca do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública, a presença do pragmatismo, da educação que une a aprendizagem teórica às realizações práticas no discurso dos intelectuais que pensavam a educação brasileira naquele momento: “No Brasil não foi diferente. No final do Século XIX, a escola popular foi elevada à condição de redentora da nação e de instrumento de modernização por excelência” (SOUZA, 2000, p. 4).

“Educar para o Viver Completo” não era, portanto, naquele momento, um conceito e ou ideal exclusivo dos missionários presbiterianos. Pode-se afirmar, entretanto, que há estreita relação entre a referida filosofia educacional e os motivos religiosos e convicções doutrinárias que levaram esses missionários ao investimento na educação como um das estratégias para a reforma da sociedade brasileira. Ao discutir algumas práticas do Instituto Evangélico de Lavras, procuro identificar os seus princípios pedagógicos, oriundos do debate educacional mais amplo e sua relação com as convicções religiosas peculiares. É preciso lembrar, ainda, que os protestantes aproveitaram dos princípios da teoria educacional citada em pontos convergentes, mesmo que em muitos outros pontos, como será visto seguir, não haja afinidade.

Ações Pedagógicas para Efetivação dos Objetivos Propostos

Quais as ações do Instituto Evangélico para cumprir o seu objetivo de educar para o “viver completo”? Além das disciplinas propriamente escolares, eram oferecidos cursos paralelos para a habilitação do indivíduo para solucionar problemas do cotidiano e para o possível exercício profissional. Havia oficinas de sapateiro, seleiro, de marcenaria, carpintaria, topografia e encadernação. Na escola feminina havia, desde a fundação, sala especial para aulas de costura e, posteriormente, bordado, nutrição, culinária e decoração. O jornal *Cidade de Lavras*, do dia 19 de janeiro de 1896, ao anunciar as matrículas do Instituto, refere-se aos cursos de música, cultura física e desenho industrial. O *Incentivo*, do dia 27 de março de 1904, comunica o início das aulas para os cursos de trabalhos manuais, incluindo desenho industrial, arquitetura e noções para o ofício de pedreiro, contendo “matérias mathematicas necessárias” e outros estudos e conteúdos necessários ao exercício do ofício. O prospecto do Instituto Evangélico de 1909 dedica um capítulo para divulgar e defender esse tipo de ensino. Afirma:

O ideal em todos os estabelecimentos do Instituto Evangélico é unir ao ensino theorico o estudo pratico. Estamos convencidos de que o ensino industrial tem grande valor. Sua utilidade é dupla, sendo educativo e ao mesmo tempo pratico. Consegue a par do desenvolvimento das faculdades intellectuaes, o dos sentidos. Proporciona aos alumnos um exercício saudável, habilita-os a julgar das formas e dimensões, e dá destreza às mãos no manejo de instrumentos. O systema de unir ao ensino theórico o estudo pratico tem o apoio dos homens que mais se empenham pela educação da mocidade. É adoptado nas melhores escolas publicas e em muitas das mais notáveis escolas particulares nos paizes que mais pugnam pela instrução popular (p.16, 17).

Esses cursos, com seus objetivos específicos, são coerentes com o método intuitivo, cuja tendência se manifesta mais tarde no lema da ESAL: Ciência e Prática. Além da identificação com a pedagogia intuitiva, há também um vínculo com a ética protestante do trabalho. Para os reformados, o trabalho é uma das bênçãos de Deus. A maneira como trabalho é realizado reflete a condição espiritual do indivíduo. A guarda do “sábado” (descanso), é precedida por seis dias de trabalho: “Seis dias trabalharás...” (Êxodo 20.9). O descanso é para quem trabalha. Costa (2007, p. 2) discute as raízes dessa convicção protestante:

Na ética do trabalho, Lutero (1483-1546) e Calvino (1509-1564) estavam acordes quanto à responsabilidade do homem de cumprir a sua vocação através do trabalho. Não há lugar para ociosidade. Com isto, não se quer dizer que o homem deva ser um ativista, mas sim, que o trabalho é uma “bênção de Deus”. Nessa perspectiva, o homem é um ser que trabalha. A sua mão é uma arma “politécnica”, instrumento exclusivo, incomparável de construção, reconstrução e transformação. Faz parte da essência do homem trabalhar. O homem é um artífice que constrói, transforma, modifica; a sua vida é um eterno devir, que se realiza no fazer como expressão do seu ser... O ser como não pode se limitar ao simples fazer, está sempre à procura de novas criações, que envolvem trabalho. Acontece, que se o homem é o que é, o seu trabalho revela parte da sua essência. A “originalidade” do seu trabalho será uma decorrência natural da sua autenticidade. O homem autentica-se no seu ato construtivo. O trabalho deve ser visto primariamente como um privilégio, um compartilhar de Deus com o homem na preservação da Criação [...]. Deixar de trabalhar, significa deixar de utilizar parte da sua potência, equivale a deixar parcialmente de ser homem; em outras palavras, seria uma desumanidade.

Aula de Culinária – Década de 20

Se o brasão da ESAL, com o lema “Ciência e Prática”, remete ao método intuitivo das idéias pedagógicas emergentes, vincula-se também às convicções religiosas dos dirigentes do Instituto, que, desde o início, explicita os seus objetivos no lema: “Para a Glória de Deus e o progresso do homem”. Uma das formas pelas quais o homem glorifica a Deus é pelo trabalho realizado. A existência de cursos que visavam a habilitar os jovens para a prática cotidiana vincula-se a essa premissa doutrinária calvinista.



Figura 2: Brasão da instituição ESAL

A instrução musical também fazia parte da ênfase do Instituto, seguindo a tradição protestante. “A música a piano é ensinada aos alumnos dos dois collégios, tanto aos externos como aos internos”.¹⁴ A música é elemento importante na estratégia protestante para comunicação das suas idéias. Os hinos cantados nos cultos são “confissões de fé”. Embora o ensino da música nas escolas presbiterianas não se limitasse àquelas entoadas nos cultos da Igreja, o acesso à teoria musical, leitura de partituras, facilitariam o acesso dos alunos e despertavam o gosto pela “boa música”, podendo se tornar um canal para a evangelização e para formação de bons princípios para a vida cotidiana.

Durant (1994) entende que a música para o protestantismo faz parte daquelas compensações existentes nas religiões teístas resistentes aos símbolos visíveis. Durant inclui o protestantismo entre as religiões que realizam “o culto das escrituras e da música” e aponta um “investimento religioso na música do culto e mesmo na música denominada profana” (1994, p. 23), por parte dos protestantes, citando Johan Sebastian Bach como exemplo dessa tradição. Alves (1982, p.12) afirma que “o espírito protestante é um espírito cantante”, enfocando a longa tradição protestante em relação à música. Refere-se ao papel dos hinos na ação dos evangelistas itinerantes que visitavam as fazendas no interior do Brasil. O Instituto Evangélico de Lavras, seguindo a referida tradição, mantém o enfoque privilegiado do ensino da música em suas escolas.¹⁵

Além do enfoque aos cursos paralelos relacionados às habilidades técnicas, manuais e domésticas, enfatizava-se também o uso de métodos modernos para o ensino dos conteúdos regulares. A idéia de modernidade, de civilização, estava presente também nesse

¹⁴ Prospectos do Instituto Evangélico de 1908 e 1909.

¹⁵ Na minha dissertação de mestrado (MEIRA, 2002) discuto a música como estratégia de implantação do presbiterianismo no norte de Minas Gerais

aspecto em todas as escolas do Instituto: “As aulas estarão sob a direção de professores e professoras habilitados e experimentados; e o ensino será ministrado segundo os métodos da ciência da pedagogia moderna”¹⁶. Além dos aspectos diretamente relacionados com o ensino, evidenciava-se também a preocupação com os aspectos morais, espirituais e o seu inevitável reflexo na vida familiar do indivíduo. O jornal *O Municipal*, dos dias 19 e 26 de janeiro e 2 de fevereiro de 1902, publica anúncio de matrículas abertas no instituto, no internato e externato, afirmando: “Direção criteriosa, instituição sólida e symetrica nas matérias dos cursos primário, secundário e superior, ministrados por professores hábeis e segundo métodos modernos”. Já em 1922, o jornal *A Renascença* publica anúncio do Instituto, que foi distribuído na cidade também sob forma de panfleto, sintetizando os objetivos da escola:

O NOSSO FIM:

Preparar a mocidade para “O Viver Completo” dando educação intellectual, physica, social e moral. O curso completo de Educação Physica, recentemente introduzido, julgamos ser de grande valor no desenvolvimento dos alumnos. Os internatos têm passado por reformas importantes e estão sob o cuidado de pessoas idôneas. Clima optimo. Meio social e moral excelente. Contribuições módicas. Para mais informações os interessados se devem dirigir ao Reitor. (Samuel R. GAMMON).

Considerações finais

Esta pesquisa permitiu compreender como o projeto civilizador presbiteriano inseriu-se no contexto das discussões pertinentes às primeiras décadas da República brasileira quanto à modernização do país e o papel da educação para que esses ideais fossem alcançados. O relacionamento com o conhecimento bíblico e com a adoração estava presente. O objetivo era interferir na cultura, formar novos hábitos. Aqueles que ali conviviam deveriam ter formação privilegiada no que se refere aos conteúdos escolares, mas, além dela deveriam ter acesso ao conhecimento bíblico que poderia conduzir os alunos à prática da verdadeira religião, segundo o entendimento protestante. Sendo coerente com o lema: “Para a glória de Deus e progresso humano” e da necessária formação do homem completo, as instruções necessárias à salvação da alma eram imprescindíveis. As ações específicas da educação escolar e científica deveriam ser praticadas em momentos e espaços próprios e mesmo que sob a influência dos pressupostos religiosos, cada momento e cada espaço deveriam ser respeitados de forma relativamente independente.

¹⁶ Prospecto do Instituto Evangélico, 1908.

Referências

- ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- BARBANTI, Maria Lúcia Hilsdorf S. *Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo, um estudo de suas origens*. São Paulo: USP, 1977. (Dissertação de Mestrado).
- BUFFA, Ester. História e Filosofia das Instituições Escolares. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JÚNIOR, Décio (Org.). *Novos temas em história da educação brasileira*. Campinas-SP: Autores Associados; Uberlândia-MG: EDUFU, 2002.
- COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *A influência da Constituição de 1824 na implantação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Universidade Metodista, 1999. (Dissertação de Mestrado).
- COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **A reforma e o trabalho**. Disponível em: <www.monergismo.com>. Acesso em: 12 nov. 2007.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário*. Rio de Janeiro: Difel, 1994.
- GADOTTI, Moacir. *História da Idéias Pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1996.
- GAMMON, Clara. *Assim brilhe a luz*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- GATTI JÚNIOR, Décio. A História das Instituições Educacionais. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JÚNIOR, Décio (Org.). *Novos Temas em História da Educação Brasileira*. Campinas-SP: Autores Associados; Uberlândia-MG: EDUFU, 2002.
- HAIDAR, Maria de Loudes Mariotto. *O Ensino Secundário no Império Brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 1972.
- HAMILTON, David. *Notas de lugar nenhum: sobre os primórdios da escolarização moderna*. In: Revista Brasileira de História da Educação, n. 1. 2001. p. 45-73
- HACK, Osvaldo. *Protestantismo e Educação Brasileira: presbiterianismo e seu relacionamento com o sistema pedagógico*. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1985.
- HACK, Osvaldo. *Protestantismo e educação no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.
- LÉONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ASTE, 1981.
- MARQUES, Rita de Cássia. O Cristo-Rei: A Formação de um Novo Império no Brasil. *Revista Varia História*, n. 15. 1996. P. 87-101
- MATOS, Alderi. *Os pioneiros presbiterianos no Brasil (1859-1900): Missionários, pastopres e leigos do Século 19*. São Paulo: Cultura cristã, 2004.
- MEIRA, José Normando Gonçalves. *Para a Glória de Deus: A implantação do presbiterianismo no Norte de Minas*. Belo Horizonte: UFMG, 2002. (Dissertação de Mestrado).
- REIS FILHO, C. *A Ilusão Liberal: Origens da Escola Pública Paulista*. Campinas: Autores Associados. 1995.

RIBEIRO, Boanerges. *Igreja Evangélica e República Brasileira*. São Paulo: Semeador, 1990.

Ribeiro, Boanerges. *Protestantismo no Brasil monárquico (1822-1888): aspectos culturais da aceitação do protestantismo no Brasil*. São Paulo : Pioneira, 1973.

SANTOS Filho, Lycurgo de Castro; NOVAES, José Nogueira. *A febre amarela em Campinas (1889-1900)*. Campinas: CMU, 1996.

SOUZA, Jessé de. *A atualidade de Max Weber*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

WARDE. Mirian J. Americanismo e Educação: Um Ensaio no Espelho. In: **São Paulo Perspec**, v.14, n. 2, São Paulo, Apr./June, 2000.

Recebido em maio de 2012
Recebido em agosto de 2012